

CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NO CONTO “O PESCADOR CEGO”, DE MIA COUTO

M. A. O. Fernandes¹ e E. G. Leite²

E-mail: m.ichel14@hotmail.com¹; evandro.leite@ifrn.edu.br²

RESUMO

A literatura sempre se mostrou propícia à expressão de questões de caráter social. No presente trabalho, iremos analisar como a deficiência física é abordada no conto *O pescador cego*, do livro *Cada homem é uma raça*, do moçambicano Mia Couto (1990). O objetivo é perceber, na narrativa, como ocorre a exclusão social e a inferiorização desses portadores. Para podermos analisar o conto, recorreremos a estudiosos como Candido (2010), na relação entre literatura e sociedade; Hernandez (2008), que aborda uma visão histórica contemporânea de Moçambique; Pereira (2008), que fala sobre a trajetória literária de Mia Couto; e Maquêa (2005), que trata de uma entrevista com o autor do conto. Quanto ao

método de abordagem dos dados, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, visando à interpretação dos sentidos que emergem do texto e de como eles são construídos na relação autor-texto-leitor. O conto estudado busca também mostrar a limitação de Maneca gerada pela sua cegueira após usar seus olhos como isca de peixe para não morrer de fome enquanto estava perdido no mar. A sua exclusão fica mais evidente quando ele se isola da sua esposa Salima e dos filhos, por se considerar diferente e sem utilidade, devido sua deficiência. O trabalho, então, possibilita-nos compreender, através da representação literária, questões que afligem a vida das pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Cegueira; Exclusão Social; Mia Couto; O pescador cego.

THE IDENTITY CONSTRUCTION IN MIA COUTO'S SHORT STORY “O PESCADOR CEGO”

ABSTRACT

The literature has always shown propitious to express questions of social feature. In the present paper, we analyze how the physical deficiency is represented in the shorty story “O pescador cego”, in the book “Cada homem é uma raça”, by the Mozambican Mia Couto (1990). The purpose is to realize, in the narrative, how the social exclusion and the inferiorization of these carries occur. To analyze the short story, we resort to scholars like Candido (2010), in the relations between literature and society; Hernandez (2008), that deals with aspects of Mozambique History; Pereira (2008), that talks about Mia Couto's literary trajectory; and Maquêa (2005) that deals with an interview with the shorty story author.

In respect to the data approach, it is a research of qualitative nature, aiming at interpreting the meanings that emerge from text and, as well as the way which they are constructed in the relationship among author-text-reader. This short story seeks also to show Meneca's limitation generated by his blindness after using his eyes as a fish bait not to starve to death while he was lost at sea. His exclusion is more evident when he isolates himself from his wife Salima and from his children, for considering himself different and useless, due to his deficiency. Metaphorically, the short story shows also the Mozambican people search for their identity.

KEYWORDS: blindness; social exclusion; Mia Couto; “O pescador cego”.

1 INTRODUÇÃO

As artes em geral têm servido como forma de denúncia, principalmente quando mostra a sua importância como instrumento de críticas sociais. Ela coloca sua função estética a serviço de protestos e denúncias. É nessa perspectiva que se configura a obra *Cada homem é uma raça*, de Mia Couto (1994), da qual definimos para estudo o conto *O pescador cego*. O livro apresenta algumas questões que afligem a sociedade moçambicana, como violência e miséria, por exemplo, mas nesse trabalho optamos por analisar como a exclusão social é tematizada através da cegueira.

Para tanto, utilizamos como fundamentação teórica os seguintes autores: Candido(2010), que estabelece relações entre literatura e sociedade; Hernandez (2008), que trata do contexto histórico contemporâneo da África e especificamente de Moçambique; Maquêa (2005) e Pereira (2008), que tratam de aspectos da vida e da obra de Mia Couto.

O artigo estrutura-se da seguinte forma: primeiramente, expomos a fundamentação teórica, e nela abordamos características da produção literária de Mia Couto, situando-a no contexto histórico de Moçambique, bem como a relação entre literatura e sociedade; em seguida, relatamos o delineamento metodológico da pesquisa; posteriormente, apresentamos a análise do conto; por fim, segue a conclusão.

2 ASPECTOS DA LITERATURA DE MIA COUTO

A trajetória literária de Mia Couto pode começar a ser tratada a partir das ideias de renascimento e valorização da cultura negra. Entretanto, a cor da pele sempre foi fator marcante na cultura moçambicana: como um autor branco, no caso Mia Couto, poderia representar a cultura moçambicana e toda a sua heterogeneidade? Por muito tempo a cor da pele de quem escreve era motivo de discussão em Moçambique. Além disso, desacreditaram suas obras iniciais por julgarem não representar a moçambicanidade. Outras críticas concentraram-se na sua jovialidade e na descendência europeia como critérios de inexperiência e elemento diferente da negritude de Moçambique. Com isso, queriam deixar claro que um autor branco não poderia viver as problemáticas dos negros, de modo que sua escrita apenas se basearia no testemunho de outros.

Essa realidade começou a ser ultrapassada com a construção de outras visões acerca da heterogeneidade étnica e identitária de Moçambique e de sua literatura.

O Moçambique de hoje é o resultado de vários deslocamentos em que os encontros e confrontos entre distintos registros culturais produziram uma identidade plural de matriz partilhada. Origina-se daí uma sociedade não homogênea, mas que emerge da coabitação, e uma literatura que reflete essa realidade e que tem como formadores, criadores, divulgadores (receptores), os mesmos elementos em presença nessa coabitação (PEREIRA,2008, p.11-12).

Moçambique é um país de grande diversidade linguística e étnica. Dessa forma, Mia Couto usa a língua portuguesa como instrumento de unificação em Moçambique, já que a escolha de uma língua ou outra nativa do país poderia significar a escolha de uma ou outra etnia e, para evitar tal fragmentação, a língua portuguesa serve como unidade.

A língua portuguesa, portanto, apresenta-se como um fator basilar para a expressão do que é nacional porque, mesmo sendo uma língua europeia, é a língua que vai comunicar e definir o nacional, para além das fronteiras geográficas do país e do continente africano, através de um código assimilado e escolhido. (PEREIRA, 2008, p. 14).

Assim, apesar de utilizar a língua do colonizador português, a literatura de Mia Couto está claramente comprometida com a representação de sua nação, sua cultura e suas identidades. É necessário afirmar a moçambicanidade através do mosaico de línguas, culturas e raças que é o país e escrever o seu multiculturalismo através da diversidade. “Nós sabemos que a identidade moçambicana é algo que ninguém sabe exatamente definir, mas sabemos que todos nós temos que fazer uma viagem par chegarmos até lá” (MAQUÉA, 2005, p. 207), declara Mia Couto em entrevista. Essa viagem nos é proposta através de sua literatura.

A escrita de Mia Couto se mescla com a oralidade e com um discurso de revolta contra o colonialismo. A literatura engajada de Couto se mostra como uma arma a favor dos direitos humanos e da liberdade de Moçambique, defendendo a cultura local e a promoção da educação. Algumas características marcantes do autor são “a desconstrução da linearidade narrativa, o uso da história como cenário, a retomada do tema guerra colonial, as metáforas desenvolvidas durante o processo de exceção democrática porque passou Portugal” (PEREIRA, 2008, p. 12).

Essa literatura de Mia Couto está inserida num contexto de pós-colonialismo africano, pois, como sabemos, o continente africano viveu muito tempo sob a exploração e a opressão europeia. Durante esse período, os africanos eram submetidos a um tipo de racismo muito grave. No caso das colônias portuguesas, como Moçambique, entre as diversas formas de violência física e moral, eles eram obrigados a trabalhar como forma de serem educados pelo colonizador, a fim também de recuperá-los de uma cultura dita “atrasada” e “inferior” e transformá-los em cidadãos europeus, tomando como ponto de referencia o ideal de civilidade portuguesa. “Os ‘não civilizados’ careciam de uma transformação gradual nos seus valores morais, sociais e nos seus costumes” (HERNANDEZ, 2008, p. 512).

Essa situação opressora resultou em movimentos de luta por independência. Grandes líderes começaram a surgir em meio ao povo moçambicano, e em 1962 foi fundada a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo). A luta armada em prol da libertação de Moçambique começou em 1964, organizada pela Frelimo. “Em 25 de setembro de 1975 tornou-se realidade em Moçambique, tanto quanto poderia ser real a independência dos países africanos”(HERNANDES, 2008, p. 608).

Assim, Mia Couto e outros autores moçambicanos, através de sua literatura engajada, contribuíram de forma positiva nos processos de luta, ao denunciar, através da literatura, o que foi a colonização portuguesa e, no período pós-independência, o que significa, em última instância, a valorização da cultura nacional e da identidade do povo.

3 LITERATURA E SOCIEDADE

A relação entre literatura e sociedade foi decisiva para a produção do conto *O pescador cego*, e o conhecimento dele nos é imprescindível para compreender o conto. Isso se dá porque a literatura possui uma estreita relação com a sociedade, e esta influencia aquela.

Hoje podemos dizer, sem maiores restrições, que a sociedade está engajada na literatura e vice-versa, propondo, assim, reflexões sobre a relação de ambas. Mas essa relação nem sempre foi assim tão clara aos olhos das pessoas. Muitos defendiam a tese de que a arte seria autônoma e isolada dos fatos sociais; outros, porém, que a arte era ou deveria ser expressão da sociedade. Os primeiros abrigam sua ideia com a justificativa de que eles, enquanto artistas, deveriam produzir sua arte sem qualquer envolvimento com temas públicos; ou seja, a arte não poderia envolver-se com nada de caráter social. Outros apoiavam que os artistas tinham o dever de ser engajados com a realidade, dotando sua arte de uma função social. Eles, então, aproveitariam sua arte e a utilizariam como forma de denúncia de problemas, mostrando, assim, que a literatura não é autônoma da sociedade, mas a influencia e a reflete.

Para Candido (2010, p. 40), “a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam sua posição.” Desse modo, a obra surge da confluência da iniciativa individual e das condições impostas pela sociedade, mesmo que o autor não tenha consciência disso. Candido ainda aponta os elementos que marcam a influência da sociedade sobre a obra: são os fatores socioculturais. Eles se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação.

O grau e a maneira por que influenciam estes três grupos de fatores variam conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) síntese resultante age sobre o meio. (CANDIDO, 2010, p. 31).

Portanto, fica evidente a relação entre literatura e sociedade, quer ela aconteça de modo consciente ou inconsciente. Apesar de reconhecermos que as influências são mútuas, consideraremos neste trabalho de que forma o meio determina características da obra.

METODOLOGIA

O presente artigo é filiado a um projeto de pesquisa intitulado “Um retrato da exclusão social em contos de *Cada homem é uma raça*, de Mia Couto”, e adota desta o seu delineamento metodológico: trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, visando à interpretação dos sentidos que emergem do texto e de como eles são construídos na relação autor-texto-leitor.

A partir da leitura do conto *O pescador cego*, toma como objeto de estudo a abordagem de temática relativa a diferenças que inferiorizam e promovem a exclusão social, neste caso, a cegueira. Para realizarmos a interpretação dos sentidos dos contos, elegemos como categorias de

análise os fatores socioculturais considerados por Candido (2010) como os responsáveis pelo estabelecimento da relação entre literatura e sociedade.

4 ANÁLISE DO CONTO “O PESCADOR CEGO”

O enredo de “*O pescador cego*” inicia-se quando Mazembe, personagem principal, se perde no mar depois de uma tempestade e fica “bicego” após arrancar seus olhos para servir de isca de peixe. Ao conseguir voltar para casa, ele passa por um processo profundo de autorreflexão através do seu interior em busca do seu verdadeiro “eu” e da sua identidade perdida, passando por um processo de exclusão da sociedade imposto por ele mesmo para alcançar o que ele desejava. Trata de um homem que se exclui em busca da sua verdadeira identidade escondida em seu interior, do qual ele faz uma reflexão para alcançar o seu verdadeiro “eu”.

Quando estava em alto mar, em seu barco, Mazembe foi surpreendido por uma tempestade e acabou se perdendo. Sem reservas, o pobre pescador apostou na fé para voltar para casa e decidiu tentar pescar para matar a fome. Mas como iria fazer isso sem isca no anzol? Os dias se passaram e a fome só aumentava.

Um dia não aguentou mais e, com o auxílio de uma faca, arrancou o seu olho esquerdo, deixando o direito para posteriores necessidades, e o espetou no anzol para pescar. Um belo peixe gordo e prata mordeu a isca e foi assado, ali mesmo no barco por Mazembe, que finalmente pôde saciar a sua fome; porém, ele ainda se encontrava perdido no mar. Então, a fome voltou e ele então decidiu arrancar o seu olho direito “Mazembe, bicego, só nos dedos se confiava à visão” (COUTO, 2008 p. 68) e novamente pescou um peixe, o maior de sua vida. Após comer, começou a remar e, depois de um bom tempo, encontrou a praia e começou a gritar. Escutou vozes familiares e então percebeu que havia conseguido voltar para casa.

Depois de seu regresso, sua mulher Salima lhe negava entregar os remos da pequena embarcação devido a sua cegueira, ao passo que ele a proibia de pescar utilizando o barco. Para conservar seu macho estatuto, afastou-se de sua dedicada esposa e ficou apenas sob os cuidados dos filhos. A fome assolava a pobre família e Salima então decidiu que iria pescar no dia seguinte, mesmo com a desaprovação de Mazembe. Este puxou o barco até o alto das dunas e lá passou a morar, tudo para Salima não ir pescar. Um dia qualquer ela foi visitá-lo e levou comida, que ele jogou sobre a areia. Ela também o pediu que ele batesse nela, como de costume – mesmo assim, teve o pedido negado. Para acabar de vez com a teimosia da mulher, Mazembe queimou o seu barco, e a mulher então o abandonou.

Certa noite, Mazembe foi surpreendido por uma chuva de granizos, que para ele era novidade. Ele achava que o mundo havia virado do avesso e, desesperado, chamava por Samila. Foi então acalmado por uma mulher silenciosa que não o respondia, mas que ele sentia ser ela. Foi levado para uma cabana, onde recebia todos os cuidados. Todas as tardes ele se ausentava e ia para o mato. Lá construiu, apesar de cego, um novo barco e o deu à suposta mulher para que fosse pescar. A partir de então, ficava apenas andando pelas areias da praia, a mexer na espuma trazida pelas ondas do mar.

Nesse conto, o fantástico foi utilizado por Mia Couto para que passemos a enxergar outra “realidade”, que para muitos se encontra invisível. O autor instiga a preservar as verdades orais da África, suas crenças, costumes, fantasias e histórias, a fim de garantir a memória sempre viva em meio à sociedade.

O conto, em meio a tais acontecimentos fantásticos, nos faz refletir sobre a construção de identidades. Nesse caso, a cegueira e o consequente isolamento do personagem principal permitem a ele adentrar seu mundo interior e buscar seu “eu”.

Ao conseguir retornar do mar, Mazembe torna-se uma pessoa mais sensível, e tudo que está a sua volta passa a ter um novo significado em sua vida graças ao seu novo modo de percepção. Isso pode estar relacionado à escuridão que estava vivendo graças à cegueira, que fez com que ele desse um novo sentido à vida. A solidão vivida pela personagem tanto em alto mar como no seu regresso à praia é um motivo que está relacionado à essência espiritual do ser humano. “O pescador, silencioso, percorria os atalhos da alma” (Couto, 1990, p. 70). Prestando um pouco mais de atenção, podemos analisar também que a sua profissão de pescador já remetia em alguns momentos como um ato solitário ou de reflexão.

A cegueira faz com que Mazembe mergulhe em seu interior tentando buscar o valor das coisas mais simples e entender melhor a complexidade do ser humano, da qual ele parece não ter consciência. Nessa reflexão, Mazembe se encontra perdido, em um espaço vazio, não conseguindo alcançar o seu verdadeiro “eu”, que seria a sua identidade que ainda estava perdida. Cada vez que olhava para o seu interior, uma chuva de perguntas e dúvidas invadia seu pensamento, conflitando tudo.

Assim, ele prefere se excluir, para ficar afastado de todos e mergulhado na escuridão que estava agora vivendo para poder conhecer quem ele verdadeiramente era. Ele se permite fazer isso em busca de mudar e transformar o sentido de sua vida.

Mazembe, então, vivia uma situação drástica de uma incansável luta à procura da sua verdadeira identidade junto aos costumes africanos. Com isso, percebemos que com o passar da leitura do conto a cegueira de Mazembe toma também outras proporções: com a cegueira deixamos “de ‘ver’ e passamos a ‘olhar’” (GUALBERTO; LÚCIO; DANTAS, 2010, p. 25), e esse último sim, nos levaria ao nosso verdadeiro “eu”, que se encontra dentro da nossa alma. O conto então está relacionado em enxergar o próprio espírito, conhecer o seu interior e ver o que está além do que é dito, mostrando ser todo formado por metáforas. “Assim, em passos líquidos, ele aparentava buscar seu completo rosto” (COUTO, 1990, p. 72)

A escuridão trazida pela deficiência, somada ao isolamento, faz com que ele “enxergue” as situações e as pessoas com um novo olhar, assim como faz com sua esposa Samila. Quando tinha visão, ele a desmerecia, chamava-a de fraca e batia nela; cego apenas de um olho, dizia que ela era muito fraquinha; depois de completamente cego, passou a respeitar a pobre Salima como ela merecia.

Outra leitura que pode ser feita é que, à medida que a personagem foi ficando cega, sua fome foi sendo saciada, ou seja, a cegueira o salvou da morte, mostrando que o obstáculo físico não nos impede de pensar e refletir. Estamos habituados a desistir de situações que se mostram

superiores a nossa capacidade – e foi o que impedia Mazembe de voltar para casa. Contudo, após a sua cegueira, ele passou a desconhecer e não temer essas adversidades impostas pela vida e a remar até chegar à praia. Mazembe passa então a dar um rumo a sua vida a partir daí, fazendo com que o leitor reflita e passe a perceber que ele era cego quando tinha os olhos e não quando os perdeu, pois os olhos o impediam de achar saídas para os mais diversos problemas que a vida apresentasse. A cegueira passou a representar mais do que uma “deficiência” ou algo que o impossibilitasse de viver sua vida normalmente e com plena capacidade do sentido da visão. Ela passou a ser para Mazembe uma forma de fazer com que ele visse além do que ele via enquanto tinha a visão – esse “além” está ligado diretamente ao seu interior, quando ele passa a refletir sobre a sua verdadeira identidade e passa a desvendar os mistérios que a envolvem.

Mazembe também pode representar o povo africano quanto à sua memória e o seu esquecimento. Metaforicamente, podemos admitir que o colonizador foi levando as memórias dos africanos e deixando para eles muitos problemas sociais, de modo que ao povo moçambicano cabe resgatá-las em seu interior, do qual surgiria sua identidade. “A memória do povo africano está ligada estreitamente ao mar, ao regresso, ao silêncio, a (sic) escuridão, a (sic) solidão, a (sic) cegueira” (GUALBERTO; LÚCIO; DANTAS, 2010, p. 28). O mar foi palco de muitos horrores (muitos foram vistos indo, mas nunca voltando) e quem ficava em terra firme ainda vivia sob uma terrível opressão dos colonizadores (que os cegavam, privando-os de seus costumes). Podemos analisar, dessa forma, que os colonizadores fecharam os olhos para a África e isso repercutiu muitas décadas depois para que o continente se transformasse no mais pobre do mundo. A África foi silenciada pelo preconceito e pela falta de liberdade, por isso Mazembe representa toda uma nação que busca reconstruir a sua verdadeira identidade após as atrocidades cometidas pelos colonizadores.

5 CONCLUSÃO

A arte se apresenta a favor da livre expressão e demonstra muitas vezes mais do que o estado de expressão do autor. Isso pode ser observado no conto *O pescador cego*, de Mia Couto, quando a arte engajada é a favor da luta contra o colonialismo português que tentava destruir a cultura moçambicana.

Com o objetivo de compreender, na leitura do conto, como a personagem busca a autorreflexão em seu interior na procura da sua verdadeira identidade, apresentamos um contexto histórico da África e também a relação entre literatura e sociedade. A partir desse suporte teórico, procedemos a uma análise do conto. Nele, Mia Couto apresenta o personagem Mazembe que representa toda a população africana que se encontrava cega após o período de colonização e que procurava em seu interior refletir e buscar a sua verdadeira identidade e resgatar as raízes moçambicanas. Essa busca pela identidade é através da sua auto exclusão, quando passa a analisar as coisas ao seu redor com um novo ponto de vista, este mais sensato, já que a cegueira o possibilitou encontrar o seu verdadeiro “eu”.

O trabalho, nesse sentido, possibilitou-nos um contato com manifestações artísticas, e, por meio do estudo delas, a formação de um senso crítico mais amplo e contribuição ainda mais com a nossa formação acadêmico-científica. Compreender o significado da análise do conto também faz

com que aprendamos melhor como lidar com a realidade e a importância da preservação de nossa cultura.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, A. A literatura e a vida social. In: **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 11ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010. p. 27-50.

COUTO, M. **Cada homem é uma raça**. 3.ed. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 1990.

HERNANDEZ, L. L. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. 2.ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.

MAQUÊA, V. Entrevista com Mia Couto. **Via Atlântica**, n. 8, p. 205-217, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via08/Via%208%20cap13.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2012.

PEREIRA, C. da C. Moçambicanidade em processo ou Estar desiludido não é desistir: um estudo sobre a trajetória literária de Mia Couto. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p.11-17, out./dez. 2008. Disponível em:<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/5620/4094>>. Acesso em: 5 abr. 2012.